

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

ANPUH – 31º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Rio de Janeiro, 2021.

## **ILHA BELA, ESPAÇOS DA RECORDAÇÃO: ENTRE RUÍNAS, MEMÓRIAS E O DIREITO DE NARRAR (CEARÁ-MIRIM, 1930-2000)**

*Maria José Félix Martins  
Mestranda em História e Espaços(UFRN)  
E-mail: mj230499@gmail.com*

### **ILHA BELA, ESPAÇO E TEMPORALIDADES**

O espaço trabalhado nesse estudo, ou seja, o objeto pesquisado para uma análise mais aprofundada chama-se Ilha Bela, localizada na zona rural do município de Ceará-Mirim/RN. O lugar aqui apresentado teve sua economia inicialmente alicerçada em um engenho – Engenho Ilha Bela – surgido no final do século XIX<sup>1</sup>. O povoado possuía, até essa data, a denominação de “Ilha dos Cavalos”. Sobre esse fato, afirma Magdalena Antunes, em sua obra Oiteiro: memórias de uma Sinhá Moça: “uma ocorrência se faz interessante registrar... é a série de morros ou montículos insurgentes no vale, que por analogia o homem local chamou ‘ilhas” (PEREIRA, 2003). O termo ilha sempre esteve associado a este espaço, talvez, uma metáfora que pode ser usada para traduzir o isolamento e abandono ao qual foi relegado em outra época. Assim, o pequeno povoado de Ilha dos Cavalos passou a se chamar Ilha Bela, tendo, na construção de um engenho de açúcar e, mais tarde, na transição deste engenho para uma usina de álcool e açúcar<sup>2</sup>, segundo alguns memorialistas da época, o início de uma próspera sociedade, com história marcante – não só para o município de Ceará-Mirim e das pessoas que puderam habitar e conhecer a bela paisagem daquele lugar, como para a economia do Rio Grande do Norte, que, até o início do século XX, era significativamente impactada pela cultura açucareira

---

<sup>1</sup>Não se sabe ao certo o ano de fundação do Engenho Ilha Bela, limitamos a afirmar, de acordo com Castro, que ocorreu no fim do oitocentos. (CASTRO, 1992, p. 30).

<sup>2</sup>Para conhecer melhor o processo de modernização da indústria açucareira e a transição do engenho para a usina, na região Nordeste, e na cidade de Ceará-Mirim, entre o final do sec. XIX e primeiras décadas do séc. XX, ver: EISENBERG, Peter. Modernização sem mudança: a indústria açucareira em

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Pernambuco, 1840-1910. São Paulo: Paz e Terra, 1977; e MORAIS, Helicarla. Três rios dentro de um homem: Nilo Pereira em Imagens de Ceará-Mirim, 1920-1960. Natal: EDUFRN, 2009. (Capítulo 1) .

01

que, até o início do século XX, era significativamente impactada pela cultura açucareira aqui desenvolvida<sup>3</sup>. A Ilha Bela está localizada na zona rural de Ceará-Mirim, cidade que se desenvolveu a partir da economia canavieira, conhecida por seu imenso vale verde que a caracteriza como “terra dos verdes canaviais”. Nesse sentido, de acordo com Helicarla Morais, “em 1851, o vale do Ceará-Mirim despontava como centro produtor de açúcar, com 44 engenhos em funcionamento” (2009, p. 29).

Devido à fertilidade das terras para o cultivo da cana de açúcar – atribuída ao rio Ceará-Mirim – a sociedade que se desenvolveu às margens do rio pôde crescer economicamente, geograficamente e socialmente, impulsionada pela produção dos engenhos em seu período áureo. Ainda segundo Morais, “Entre 1894 e 1910, o Ceará-Mirim ocupou o quinto lugar na receita dos municípios. Nesse período, iniciou-se a produção de açúcar branco no engenho São Francisco, que chegou a fornecer 60% de todo o açúcar do Rio Grande do Norte (2009, p.30). Esses dados comprovam como a economia e crescimento da cidade estiveram atrelados ao fator da agricultura e produção da cana de açúcar nessas terras. A Usina Ilha Bela, instalada na década de 1930 pelos sócios fundadores, Ubaldo Bezerra de Melo, Antônio Basílio Dantas Ribeiro, Jorge Fernandes da Câmara e Milton Gouveia Varela, substituiu o antigo engenho de mesmo nome, fundado pelo senhor Manoel Varella do Nascimento (Barão de Ceará-Mirim). De acordo com as memórias de Cléa Bezerra Centeno (filha de Ubaldo), “nos anos 1930, Ubaldo inicia a compra de partes da terra e, em 19 de outubro de 1934, adquire dos herdeiros de José Félix da Silveira Varella, a propriedade inteira” (2008, p. 126). Cabe ressaltar que, entre aqueles que estabeleceram a sociedade, Ubaldo Bezerra era o dono das terras onde a usina estava localizada, tendo os demais sócios a posse dos recursos industriais para realização da moenda. Ilha Bela prosperou tendo como base econômica a usina de álcool e açúcar que levou sustento a um

---

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

<sup>3</sup>Para uma análise da influência da cultura açucareira, no Rio Grande do Norte, e sua decadência frente à ascensão da indústria do algodão ver: MORAIS, Helicarla. Três rios dentro de um homem: Nilo Pereira em Imagens do Ceará-Mirim, 1920-1960. Natal: EDUFERN, 2009. (Capítulo 1).

<sup>4</sup>Discurso cunhado pelos produtores instalados, no vale, e por memorialistas que vão construir uma versão romantizada para o desenvolvimento e declínio da produção açucareira na região, durante todo o século XX. Ver: MORAIS, Helicarla. Três rios dentro de um homem: Nilo Pereira em Imagens do Ceará-Mirim, 1920-1960.

02

povoado em crescimento, formado nos seus arredores. Centeno recorda que a usina pertenceu a seu pai até o ano de 1945, quando foi vendida a usineiros paraibanos (CENTENO, 2008). A Usina Ilha Bela, junto com Santa Teresa e São Francisco, formavam o tripé da economia usineira no vale do Ceará-Mirim, até que, na década de 1970, a Ilha Bela sofre defasagem em sua produção, ocasionando o encerramento de suas funções. Segundo Castro: “na década de 1970, as usinas estavam em crise, sofriam pressões dos fornecedores de cana quanto ao nível e formas de pagamento” (1992, p.31). Ainda segundo esse autor: Vale salientar que as crises foram motivadas por questões administrativas... a usina São Francisco tinha maior capacidade instalada do que a Ilha Bela, tornando mais fácil a adaptação às novas exigências técnicas requeridas para a modernização daquela unidade industrial (CASTRO, 1992, p. 32). Até a década de 1990, a única usina que permanecia em funcionamento, na cidade, era a São Francisco. O processo de despovoamento da Ilha Bela, que se deu a partir do fim da produção na usina São Francisco, marca o declínio da comunidade. Os moradores partem daquele lugar deixando parte de suas histórias cravadas naquele espaço. A busca por empregos, pela sobrevivência em outros locais, fez com que eles se espalhassem pelas mais diversas regiões do Brasil – no entanto, a maioria ainda se encontra no Rio Grande do Norte. Nas palavras de Cléa Bezerra, essa diáspora, que leva para longe muitos dos últimos moradores daquele povoado, é traduzida da seguinte forma: “E assim Ilha Bela se foi! Ficou no coração dos que lá viveram como um símbolo memorável de idealismo, trabalho e felicidade” (CENTENO, 2008, p. 159). É esse sentimento de saudade que se encontra ainda presente em quem lá habitou e recorda com emoção a bela paisagem privilegiada do lugar.

Ilha Bela teve um tempo de habitação - justificado pelo funcionamento da Usina – relativamente curto. A partir do início da década de 1930, até meados dos anos 1970, os

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

moradores que lá residiam trabalhavam na própria Usina Ilha Bela, que parou de moer neste período (década de 1970), quando alguns trabalhadores se deslocaram para trabalhar na Usina São Francisco. Algumas famílias ainda permaneceram habitando a Ilha Bela até os anos da década de 1990, quando a Usina São Francisco também parou de funcionar.

03



Comunidade de Ilha Bela na década de 1980. Fonte: José Emerenciano (ex-morador da Ilha Bela)

Sendo assim, o objeto aqui apresentado, inserido no âmbito de uma história intelectual e das sensibilidades, está inscrito em uma múltipla temporalidade, que se remete ao tempo de fundação e desenvolvimento do complexo que deu origem à comunidade (fundação do engenho de açúcar, transição para usina, primeira povoação), mas que tem origem no momento em que a materialidade desse espaço não mais existe, transitando entre o tempo das origens, ao qual, a partir das memórias e narrativas, é associado uma materialidade. E o tempo das ruínas, marcado ainda mais pela subjetividade, quando essa materialidade só pode ser revisitada pela ação de lembrar.

A Ilha Bela aqui apresentada está localizada na cidade de Ceará-Mirim, estado do Rio Grande do Norte, na região nordeste do Brasil. Este espaço, durante o tempo em que foi habitado – aproximadamente cinco décadas – foi parte de uma história pessoal e social de cada sujeito e do grupo que se sente pertencente àquele lugar. Essas pessoas têm um

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

laço em comum que faz com que suas histórias se interliguem através de um ponto que as une: a Ilha Bela vivida e lembrada, um espaço reconstruído no tempo da memória. Ela existe à medida em que é lembrada e narrada, o que nos remete às noções de lugar e espaço de Certeau, sobre o que ele adverte: É um lugar a ordem (qualquer que seja ela) segundo a qual os elementos são distribuídos em relação de coexistência. [...] O espaço é um cruzamento de móveis... O espaço estaria em relação ao lugar da mesma forma que a

04

palavra quando é pronunciada... Em suma, o espaço é um lugar praticado (1998, p.178). As relações estabelecidas pelas vivências compartilhadas naquele espaço fazem com que esses sujeitos criem um vínculo, a ponto de necessitar alimentá-lo com encontros pós perda do lugar físico. Esse lugar vivido, que hoje é lembrado, traz em sua historicidade a relação com a produção das identidades unidas por esse espaço. O recorte temporal e espacial deste objeto de estudo, dividido temporalmente em espaço vivido (1930 a meados de 1990) e espaço recordado, evocado como lugar de memória, a partir da década de 2000, apresenta-se em si como essa dimensão material e imagética/subjetiva, como prática e invenção histórica.

## **ILHA BELA, IDENTIDADE SOCIAL**

A identidade ou identificação do indivíduo com seu lugar é um ponto importante para entender a relação existente entre os agentes históricos que continuam – mesmo após décadas de despovoamento - a lembrar o lugar, coletivamente e socialmente. Em uma palestra sobre a identidade social Joana Neves conclui que esta:

Implica na consciência que se tem de si mesmo. Essa consciência supõe um reconhecimento do mundo (contexto) no qual de existe e atua. Portanto, por identidade social pode-se entender o reconhecimento de si próprio como sujeito da história (processo). E, na medida em que o sujeito da história é realizador de ações, ele é também, objeto da história (ciência). (1997, p.03).

Há essa identidade presente nos encontros rememorativos da Ilha Bela. Uma identidade que se apresenta individual, mas, à medida que é narrada e partilhada com o grupo se transforma em coletiva ou social. Pois, os elementos se interligam os espaços

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

vivenciados se apresentam como palcos que representam todos da comunidade, que fizeram uso e puderam colaborar em seu crescimento.

Entre significações e representação, o espaço e o tempo vividos na comunidade de Ilha Bela podem ser visualizados nas narrativas, já coletadas, de alguns ex-moradores, como parte de suas vidas. A identidade será analisada a partir do coletivo, das reuniões que acontecem após a Ilha Bela em ruínas. Michael Pollak, ao questionar acerca dos elementos que constituem a memória, entre individual ou coletiva, afirma que “em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os

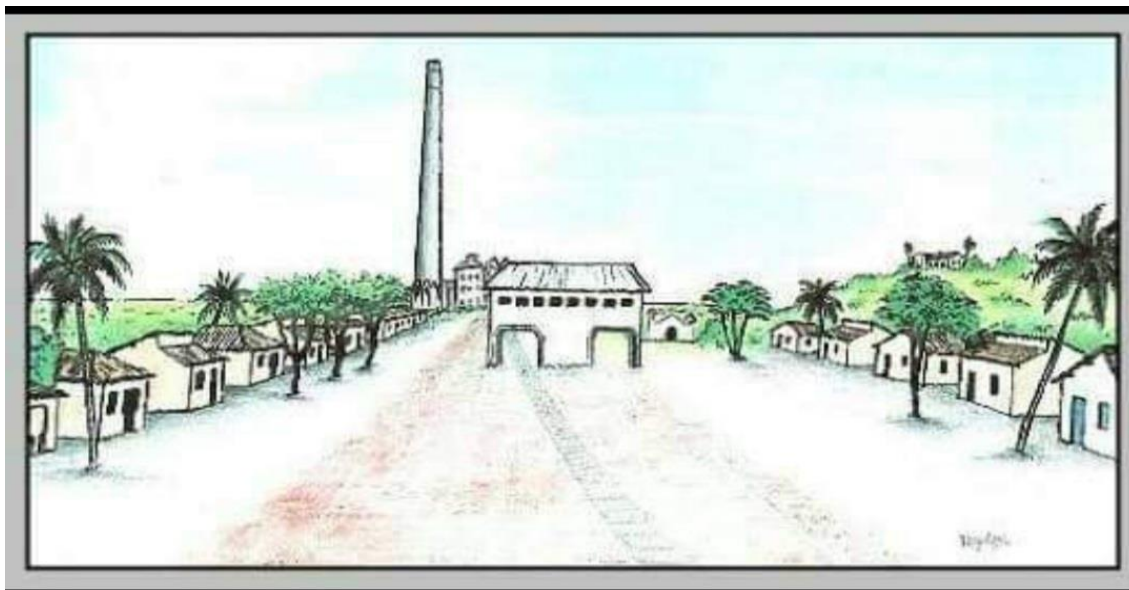
05

acontecimentos que eu chamaria de ‘vividos por tabela’, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade a qual a pessoa se sente pertencer” (1992, p.212). Nos interessa especialmente esse pertencer, já que entendemos que o pertencimento está intimamente ligado à questão da identidade social. O lugar Ilha Bela, uma dentre tantas comunidades formadas no vale do Ceará-Mirim, representa essa partícula na história do município.

## **ILHA BELA, PATRIMÔNIO CEARAMIRINENSE**

Ao falarmos sobre o termo “patrimônio” nos vemos diante de uma discussão abrangente, assim como os outros conceitos discutidos em um trabalho sobre memórias e narrativas, conceitos que vem alcançando cada vez em maior quantidade o interesse por parte de pesquisadores. No contexto a que este trabalho está inserido e, diante do objetivo que busca analisar a construção de uma memória coletiva, pensamos o patrimônio como parte da construção histórica e de representação cultural. Segundo Poulot “a história do patrimônio é a história da construção do sentido de identidade e mais particularmente, dos imaginários de autenticidade que inspiram as políticas patrimoniais” (1997, p.36). Essa análise de relação patrimônio/identidade pode ser observada ao nos referirmos a relação de um grupo social com seu lugar de pertencimento.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Desenho representativo sobre a cartografia da Ilha Bela. Fonte: Assis Trajano (desenhista)

06

A pesquisa sobre um lugar/espaço que se encontra em ruínas, mas, que durante um determinado período pôde constituir signos a um grupo de habitantes que se relacionaram com aquele local e construíram sua história, nos remete a importância de entender que a imaterialidade de um objeto também o caracteriza como patrimônio diante de seu contexto. Nesse sentido:

Recentemente, construiu-se uma nova qualificação: o patrimônio imaterial ou intangível. Opondo-se ao chamado patrimônio de pedra e cal [...]. Nessa nova categoria estão lugares, festas, religiões, formas de medicina popular, música, dança, culinária, técnicas etc. Como sugere o próprio termo, a ênfase recai menos nos aspectos materiais e mais nos ideias e valorativos dessas formas de vida (ABREU, 2009, p.28).

A designação do que vem sendo trabalhado como patrimônio material e imaterial e seu significado é de alta relevância neste estudo, pois entendemos que o lugar que foi e já não é mais fisicamente, se configura como patrimônio imaterial, visto que é carregado de simbologias e lembranças individuais e coletivas. Passemos a analisar o espaço social da Ilha Bela em suas temporalidades, para assim entendermos esse lugar como patrimônio histórico material – tempo de formação e habitação do espaço - e, imaterial – tempo atual, das ruínas. O espaço material da Ilha Bela é apresentado neste contexto enquanto objeto de relação dos agentes históricos com o espaço que habitam e transformam, onde este

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

pode ser ressignificado a partir das memórias de situações vividas em uma temporalidade recordada.

Retornando ao Patrimônio Imaterial, como aquilo dotado de valor e simbologia, procuramos entender a Ilha Bela em seu tempo de ruínas, com esse mesmo sentido. A partir daquilo que só pode ser alcançado por meio das narrativas orais e poucos escritos daquilo que foi material, passamos a entender essa comunidade como patrimônio, tanto de um povo, como de uma cidade – a letra do hino oficial da cidade faz menção a comunidade –, mas que só pode ser reconstruído a partir da rememoração.

A escolha do objeto aqui apresentado enquanto um patrimônio histórico, um lugar, uma comunidade, um espaço que se encontra em ruínas, se dá a partir do tempo presente, na relação entre a história e a memória, está inscrito em uma múltipla temporalidade, que se remete ao tempo da fundação da comunidade de Ilha Bela e seu desenvolvimento enquanto sociedade, espaço habitado, experienciado, mas que tem origem no momento em que a materialidade desse espaço não mais existe, transitando entre o tempo das

07

origens, ao qual por meio das memórias e narrativas é associado uma materialidade. Esse tempo das ruínas - marcado ainda mais pela subjetividade – se concretiza quando essa materialidade só pode ser revisitada pela ação do lembrar.

Diante do que analisamos até aqui, surge a questão: como se constrói uma memória coletiva, a partir do tempo das ruínas, e da necessidade de rememorar o lugar?

### **ILHA BELA, MEMÓRIA**

Na introdução do livro *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*, Aleida Assmann ao se referir a afirmação de Pierre Nora de que “só se fala tanto de memória porque ela já não existe mais”, se indaga com algumas questões acerca do tema memória na contemporaneidade. Assim, duas dessas questões me parecem pertinente para dar continuidade a este texto: “Não existe mais memória? E “Que tipo de memória não existiria mais?”

A autora perpassa por diversos conceitos e autores onde apresenta a recordação, a memória, em diversos tempos e espaços, tendo influências culturais nesse processo do

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

lembrar e, ainda as diferenças entre “lugares” e seus significados. Não é objetivo deste estudo fazer uma análise acerca da obra citada da Assmann, mas, sim, utilizar dos conceitos e conclusões registradas no livro sobre a memória e os espaços de recordação, fazendo uma ligação deste com as fontes e metodologias trabalhadas na pesquisa sobre a Ilha Bela.

Ressalto que o termo “comunidade” usado neste texto, é baseado no conceito de Oliveira acerca deste tema, tendo em vista que aquele espaço, durante seu tempo de habitação, possuía elementos que os seus reminiscentes descrevem como “comuns e acessíveis a todos que lá viviam”. Assim, Oliveira define comunidade como algo que “não se restringe ao espaço geográfico, mas reside, sobretudo, na interação das pessoas que estão no local e, que normalmente apresentam necessidades coletivas comuns a todos” (2013, p.134-135). A Ilha Bela a que o grupo de ex-moradores relembra constantemente deve ser compreendida como espaço econômico, geográfico e social.

Esse lugar que pôde se constituir e crescer e formar uma sociedade, existe atualmente a medida em que é lembrado, narrado. A vida de cada sujeito que lá habitou parte do uso que fez daquele espaço, recordações individuais que se interligam quando se misturam umas com as outras, o espaço foi transformado à medida que a usina produzia em maior

08

demanda, e a demografia aumentava à medida que a necessidade de trabalhadores para dar conta desta produção estabelecia esse crescimento social. Pois, ao estabelecerem contrato de mão de obra com os proprietários da usina, os trabalhadores tinham moradias emprestadas para naquele lugar se instalar com suas famílias. Assim cresceu a Ilha Bela, assim se formou a comunidade que tem muita história e cultura guardada nas lembranças desses moradores que ainda podem rememorar esse tempo.

Partindo do pressuposto de que a Ilha Bela em seu tempo atual – das ruínas - toma forma a partir das memórias e partilha de documentos como fotos, registros memorialísticos e poesias sobre aquele lugar e, ainda que as memórias são na maioria das vezes carregadas de sentimentos de ressentimento pela perda de seu local de pertencimento, vamos analisar os escritos de Assmann sobre “locais honoríficos”. Percebemos, no caso da rememoração coletiva em torno das vivências na Ilha Bela a persistência da memória, que conta outros tempos, outros

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

sujeitos, outras práticas, porém o mesmo espaço. O ser humano se relaciona com o espaço, a paisagem, consolidando materialmente esse uso do espaço de acordo com suas necessidades, assim, como em Ilha Bela, onde as exigências do progresso capitalista povoaram o lugar. Localizada em uma cidade com tradição na economia açucareira, a usina que se instalou na Ilha Bela impulsionou a criação da comunidade, quando vemos que lá habitavam somente sujeitos que tinham alguma relação com a produtora de açúcar e seus familiares. Falar sobre a comunidade de Ilha Bela, como fazem os reminiscentes daquele lugar, é falar também da relação do homem com o espaço.

## REFERÊNCIAS

### OBRAS ESPECÍFICAS

CENTENO, Cléa Bezerra de Mello. **Dever de Memória: uma biografia de Ubaldo Bezerra de Mello**. Natal: [s.n], 2006.

PEREIRA, Maria Magdalena Antunes. **Oiteiro (memórias de uma sinhá moça)**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1958.

CASTRO, Paulo Venturele de Paiva. **Dinâmica urbana de Ceará-Mirim**. Natal: CERN, 1992.

09

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. ABREU, Regina. CHAGAS, Mário. (orgs.). Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Trad.: Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

MORAIS, Helicarla. **Três rios dentro de um homem: Nilo Pereira em Imagens do Ceará-Mirim, 1920-1960.** Natal/RN: EDUFRN, 2009.

\_\_\_\_\_. **Viagem memória de Nilo Pereira: do Ceará-Mirim ao Recife e do Recife ao Ceará-Mirim.** Natal/RN: EDUFRN, 2011.

\_\_\_\_\_. **A inscrição de uma memória, do que se ressentem... O Rio Grande do Norte, no pós-30, 2016.** Vi, 492 f.: il. Orientadora: Marieta de Moraes Ferreira. Tese (Doutorado) – 15 Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em História Social, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Rio de Janeiro, 2016.

NEVES, Joana. **História local e construção da identidade social** . *Saeculum – Revista de História*, [S.l.],n.3,1997.Disponívelem:<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/view/11226>. Acesso em: 6 ago. 2021.

NORA, PIERRE. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** In: Projeto história. São Paulo, n.10, dezembro de 1993.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** In: Estudos Históricas, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992.